Carta II — Ruína da Religião

6 de abril.

I

Senhor e caro amigo,

Acabam de trazer-me vossa carta. Respondo ao que ela contém, na ordem em que o expondes.

> *Tenho medo, tens medo, ele tem medo, temos medo, tendes medo, eles têm medo: tal é, dizeis-me, o refrão de todos os discursos que ouvis.*

Perguntais-me o que penso desse sentimento e se fazeis bem em partilhá-lo. Sim, meu amigo, o mundo tem razão de temer; direi mesmo que ainda não teme o bastante: ou antes, teme mal, no sentido de que não teme o que deveria temer. Como seu pai, seu avô e seu bisavô, o século XIX obstinou-se em semear vento; deve, pois, esperar colher tempestades. E que tempestades, grande Deus!

Sim, repito, o mundo tem razão de temer. Mas extravia-se ao dirigir seu temor às causas segundas, em vez de dirigi-lo à causa primeira. Como os tufões que revolvem o Oceano, ou como os gafanhotos que humilharam o poderoso Egito, os bárbaros que ameaçam a Europa não passam de agentes subalternos do Árbitro supremo. Só Ele tem o poder de lhes dizer: *«Até qui chegarás, e não passarás mais longe.»*[1] É a Ele que se deve temer, e temer antes de tudo. Infelizmente, é Ele que o mundo não teme. Digo pouco: é Ele que o mundo continua a desafiar pelo desprezo obstinado de seus avisos paternos, pela negação mesma de sua existência. Tal é, a um tempo, o castigo e a desgraça dos povos materialistas: perdem a consciência das leis vitais da sociedade. Essa cegueira foi sempre o precursor da ruína.[2]

II

Acrescentais que os compromissos contidos em minha última carta vos parecem difíceis, e que a demonstração de minha tese será um verdadeiro tour de force. Sem partilhar vosso parecer neste último ponto, vou empenhar-me em desobrigar minha palavra. Antes de tudo, devo exprimir-vos o pesar de não ter, nesta correspondência, senão ruínas a propor à vossa atenção; mas convireis em que a culpa não é minha. Em nossos dias, para onde lançar os olhos sem encontrar ruínas? A face da terra está coberta delas: ruínas morais, ruínas intelectuais, ruínas materiais, ruínas sociais,

ruínas domésticas. Não sei se, desde a origem do mundo, se viu um abalo tão geral de todas as obras humanas. Uma coisa nos consolará, a vós e a mim, no estudo deste lúgubre espetáculo: é o pensamento de que só percorremos todos esses monumentos da justiça divina para reconhecer as causas da catástrofe e assinalá-las em voz alta aos que podem prevenir-lhe o retorno.

III

Enfim, desejais saber qual é, na língua religiosa, o sentido preciso destas palavras: Profanação do domingo. Na verdade, é assim mesmo que se deve começar. Em boa e leal filosofia, a primeira regra de toda discussão é definir as palavras que se empregam. A este propósito, quereríeis, senhor representante, pedir a alguns de vossos mais célebres colegas que pratiquem esse princípio elementar ao menos uma vez durante todo o tempo de seu mandato? Se por acaso a retórica perder alguma coisa, a verdade certamente ganhará, e a inteligência dos leitores sentir-se-á notavelmente aliviada.

Chamamos santa a uma coisa que é exclusivamente consagrada ao culto de Deus. Fazê-la servir a usos ordinários é profaná-la, ou, segundo o rigor da etimologia, lançá-la fora do templo. Para exprimir a violação do domingo pela palavra profanação, é preciso, pois, que o domingo seja coisa santa: e assim é. O Autor de nossos dias tira um em cada sete; é um dízimo, um tributo que exige, em testemunho de seu domínio soberano e inalienável: esse dia, Ele o faz seu. Ordem formal de consagrá-lo inteiramente ao repouso da alma, ao trabalho moral, à oração, à gratidão, à adoração; proibição não menos rigorosa de dá-lo ao trabalho corporal, à ociosidade, aos prazeres mundanos. Assim, trabalhar, vender, comprar etc., é profanar o domingo; empregá-lo nos exercícios religiosos é santificá-lo.

Com uma sabedoria igual à sua divina autoridade, a Igreja determina um ato especial que, sob pena de falta grave, deve ser religiosamente cumprido: refiro-me à assistência ao augusto sacrifício da missa. Mesmo do ponto de vista social, que útil preceito é esse! Que lição de igualdade e de fraternidade nessa reunião de ricos e pobres, de patrões e servidores, sob os olhos do pai comum, para ouvirem lembrados seus deveres e repreendidas suas faltas! Que princípio de verdadeira liberdade, isto é, de emancipação dos maus pendores, na assistência religiosa, e periodicamente obrigatória, à imolação de um Deus por criaturas! Mas corto estas considerações e abordo o assunto de minha carta: profanação do domingo quer dizer ruína da Religião.

IV

Segundo a bela definição de santo Agostinho, fundada na natureza mesma da coisa e nos termos formais da Escritura, Religião significa aliança ou sociedade do homem com Deus, laço que une o homem a Deus. Toda aliança supõe compromissos recíprocos entre as partes contratantes, isto é, certas condições fundamentais cuja violação acarreta a ruptura do contrato: assim é a Religião. Resta saber se a santificação do sétimo dia é uma condição fundamental dessa divina sociedade, de sorte que a violação desse preceito acarrete a dissolução da aliança.

Direi primeiro, não para vo-lo ensinar, que na Religião tudo é fundamental. Vindo tudo do próprio Deus, é igualmente respeitável e deve ser igualmente respeitado. Entretanto, se, como já tive a honra de indicar, se pudesse fazer alguma distinção, diria de bom grado que o repouso do sétimo dia é a base mesma da augusta aliança do homem com Deus; donde se segue manifestamente que a profanação do domingo, pública, geral, habitual, como a vemos hoje na maior parte de nossas cidades e de nossos campos, é a ruína da Religião. Eu teria uma multidão de razões para prová-lo; contento-me com três:

1ª Em todo o código divino, não encontrais preceito mais antigo, mais universal, mais vezes reiterado, mais fortemente sancionado, por conseguinte mais essencial;

2ª Não encontrais outro cuja violação acarrete tão infalivelmente a ruína de todos os demais;

3ª Não encontrais outro cuja violação tenha no mesmo grau o caráter da injustiça e da revolta, e se torne com o mesmo título uma profissão pública de ateísmo.

Será preciso mais para estabelecer que o repouso sagrado do sétimo dia é condição fundamental da aliança do homem com Deus?

V

Primeiro, nenhum preceito mais antigo. Há uma lei que data da origem dos tempos; uma lei que sobreviveu a todas as catástrofes que revolveram o universo, a todas as migrações que fragmentaram em mil pedaços a família primitiva; uma lei que não tem instituidor humano; uma lei que é o fundamento da religião universal e o eixo do mundo. Essa lei é a divisão do tempo em sete dias, com o repouso obrigatório do sétimo.

Por isso, quando, do alto do Sinai, o Criador intima suas vontades ao povo de Israel, não lhe diz: Santifica o dia do sábado, mas: *«Lembra-te de santificar o dia de Sabbado.»* Esse preceito não é novo: teus avós o conheceram, remonta à origem dos tempos.[3]

> *Trabalharás seis dias, e farás nelles tudo o que tens para fazer. O settimo dia porém he o Sabbado do Senhor teu Deos. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu escravo, nem a tua escrava, nem o teu animal, nem o peregrino, que vive das tuas portas para dentro. Porque o Senhor fez em seis dias o ceo, e a terra, e o mar, e tudo o que nelles ha, e descansou ao settimo dia: por isso o Senhor abençoou o dia settimo, e o santificou.*[4]

VI

Nenhum preceito mais universal. A obrigação de consagrar exclusivamente ao serviço de Deus um dia em sete sobreviveu, como disse, a todas as vicissitudes dos tempos, e passou da lei antiga para a lei nova. Por determinação soberana da Igreja, seu cumprimento foi fixado no domingo. O fato não é contestável por ninguém, visto que não é contestado por ninguém. A lei da oração e do repouso septenário domina o mundo inteiro. Seria fácil fazer erudição e justificar minha frase com vinte páginas de textos gregos, latinos, árabes etc. Aqui os filósofos, os historiadores, os poetas, os oradores da Antiguidade, os sábios protestantes e católicos, os viajantes modernos, os missionários mais instruídos, são todos ecos de um ilustre Padre da Igreja, são Teófilo. Por volta de meados do século II, esse douto bispo de Antioquia escrevia a seu amigo Autólico: *«Todos os povos da terra conhecem o sétimo dia.»*[5]

Desenvolvendo há pouco esse pensamento, o estimável autor de *O Domingo* acrescenta:

> *A verdade de um dia reservado a Deus é imperecível, como o próprio conhecimento do Ser supremo. Ainda se podem decifrar-lhe os caracteres primitivos, apesar das sobrecargas do erro; e encontra-se por toda parte, até certo ponto, a divisão septenária, a observância de um dia em sete e a santificação desse dia pelo repouso e pelo culto.*[6]

VII

Nenhum preceito mais vezes reiterado. *Lembra-te de santificar o dia do sábado*: se prestais ouvido aos oráculos divinos, tal é a ordem que ouvireis repetir continuamente do Paraíso terrestre ao Sinai, do Sinai ao Calvário, do Calvário aos quatro cantos do mundo. Os ecos dos séculos futuros não cessarão de redizê-la até o limiar da eternidade, onde começará o repouso absoluto de que o sábado é a imagem. Inspirado por Deus, Moisés a intima até doze vezes ao povo de Israel. Os autores sagrados que se sucedem antes e depois do cativeiro de Babilônia insistem todos, com particular força, no cumprimento desse preceito. Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias, Amós, os grandes e os pequenos profetas parecem ter por fim essencial de sua missão anunciar os bens ou os males que decorrem da observância ou da profanação do dia de Deus. Quereis, meu caro amigo, proporcionar-vos a vantagem de reencontrar sem dificuldade suas eloquentes palavras? Procurai um livro que quase só os eclesiásticos ainda conhecem: chama-se a *Concordância*. Um exemplar deveria ornar a biblioteca de cada representante do povo.

Agora, se quiséssemos ouvir todas as vozes que, há dezoito séculos, se ergueram no Oriente e no Ocidente para reclamar, recomendar, ordenar a santificação do domingo, seria preciso encerrar-se durante semanas inteiras numa de nossas bibliotecas nacionais e compulsar todas as obras dos Padres, desde são Justino e Tertuliano até são Bernardo; os códigos e constituições dos imperadores romanos, desde Constantino até Justiniano e depois dele; os capitulares e as cartas de todos os reis da Europa, desde Carlos Magno até Luís XVIII; seria preciso percorrer ainda os regulamentos, a um tempo tão sábios, tão formais e tão variados, das comunas, das corporações de artesãos e operários; enfim, seria preciso ler as imensas coleções dos concílios, das encíclicas e

das bulas pontifícias; as coletâneas não menos imensas de sermões e mandamentos episcopais, com a obrigação de parar quase a cada página para escutar os graves ensinamentos dados aos particulares e às nações sobre este ponto fundamental.[7]

VIII

Há outra voz que reúne a dupla vantagem de não ser menos eloquente e de ser muito fácil de ouvir: é a voz do firmamento. Sabeis que os céus são pregadores;[8] e, se me permitis dizê-lo, os pregadores especiais da brevidade do tempo e do repouso septenário. A este título, são feitos para o nosso século, em que os homens vivem como se nunca houvessem de morrer; em que trabalham como se nunca fossem obrigados a repousar. Com essa sublime filosofia que dá razão de tudo e sem a qual não se pode dar razão de nada, o escritor sagrado nos diz que o Criador fez o sol, a lua e as estrelas para marcar os tempos, as estações, os dias e os anos.[9]

O céu é, pois, um magnífico relógio. Em seu mostrador de azul vejo dois ponteiros luminosos que, passeando sobre horas marcadas por rubis, indicam os dias, as semanas, os meses e os anos. Ao aparecer e desaparecer alternadamente no horizonte, o sol marca a divisão dos dias, compostos de trevas e de luz. Crer que essa sucessão tão rápida e tão regular não tem outro fim senão determinar materialmente a medida dos instantes de que se compõe a nossa vida seria um erro: o pensamento do Criador é mais alto.

Se as criaturas são feitas para o homem, o homem é feito para Deus: cada uma delas está encarregada de lho redizer a seu modo.

> *Ao ver-me cada dia começar e acabar para recomeçar ainda, ensino-vos três mistérios: o mistério da vida, que é curta; o mistério da morte, que não é eterna; o mistério da ressurreição, que é tão certa quanto a vida e a morte:*

eis o que nos diz, por seu movimento diurno, o astro eloquente que nos ilumina. Diz-nos também que o começo e o fim da vida são duas horas solenes: assim, o começo e o fim de cada dia devem ser marcados pela adoração. Que essa linguagem seja verdadeira e tenha sido compreendida, a prova está no uso constante, entre todos os povos, e sobretudo na Igreja católica, de rezar de manhã e à noite.

Por suas fases diversas, a lua marca as semanas. Ao cabo de sete dias vê-se que ela chega a uma metade regular; ao cabo de outro septenário seu disco está cheio; ao cabo de mais sete dias decresceu uma metade perfeita; enfim, depois de uns vinte e oito dias de aparição, desaparece, para logo se renovar. Essa lua que se mostra em trabalho de crescimento e de decrescimento durante seis dias consecutivos, e depois repousa numa forma fixa a cada sétimo dia, poderia cumprir melhor a intenção do Criador e indicar mais claramente ao homem os seis dias de trabalho e o sétimo de repouso?[10]

Que tal seja na realidade o ensinamento que ela tem por missão dar-nos, basta, para estar perfeitamente certo, lembrar a palavra já citada do sábio bispo de Antioquia, de que todos os povos da terra conhecem o sétimo dia; e ouvir Aquele que formou a rainha das noites:

> *E a lua em tôdas as suas revoluções com o seu período é a marca dos tempos e o sinal das mudanças do ano. A lua é a que determina os dias de festa, sendo um planeta de luz que logo começa a minguar em chegando ao mais pleno auge do seu crescimento. O mês vem a tomar dela o nome, a qual por um modo admirável cresce, até ficar de todo cheia. Uma disposição de arraiais se divisa nas alturas, a qual brilha gloriosamente no Firmamento do Céu.*[11]

Vê-se, por esse quadro grandioso, que a lua é o corifeu de Deus, encarregado de dar o sinal, a medida e o tom aos exercícios religiosos do homem; de modo que os homens, nos dias santos, não fazem senão retomar em coro o cântico que o céu entoou.[12]

IX

Permiti-me, senhor e caro amigo, dizer-vos de passagem que o texto sagrado me põe na pista de um mistério de que eu não tinha me dado conta. A história profana nos ensina que, entre os diferentes povos da Antiguidade, havia dias fastos e dias nefastos. As nações pagãs acreditavam, pois, na diferença natural dos dias. Essa opinião era a meus olhos um preconceito ou uma superstição a mais; e eu a concedia liberalmente aos egípcios, aos gregos e aos romanos. É-lhes devida uma reparação: essa crença é fundada. O Pai dos dias, que acaba de indicar-nos esse mistério, vai revelá-lo claramente:

> *De onde vem que um dia se prefere a outro dia, e também um tempo a outro tempo, e um ano a outro ano, quando o sol que os forma sempre é o mesmo? Pela ciência do Senhor foram distinguidos, depois que o sol foi criado, e desde que guarda o seu preceito. E variou as estações, e os dias de festa das mesmas e nelas se celebraram as solenidades à hora determinada. Dos mesmos dias fêz Deus a uns grandes e sagrados, e a outros pôs no número de dias comuns.*[13]

Que nova e sublime imagem nos apresenta aqui o texto sagrado! Vedes o soberano Mestre tomar com uma das mãos uma porção de nossa vida, abençoá-la, santificá-la e reservá-la como dízimo e como homenagem; e, com a outra mão, rejeitar o maior número de nossos dias no círculo monótono dos meses e dos anos, não lhes atribuindo outro mérito senão o de completar a santificação de nossa existência pela prática cotidiana das virtudes e dos deveres?[14]

A adoração cotidiana da manhã e da tarde, o repouso sagrado do sétimo dia, são eloquentemente pregados pelo sol e pela lua, esses dois infatigáveis arautos do Eterno: mas isso não basta.

Constelações, vulgarmente chamadas sinais do zodíaco, isto é, grupos de estrelas, ou, para dizer a palavra verdadeira, sinais celestes, aparecem cada noite no lado do céu oposto ao poente do sol. Cada uma por sua vez mostra-se no horizonte durante uma lunação inteira. Quando a décima segunda desapareceu, volta a primeira; e vistes passar sobre a abóbada do firmamento, como num mostrador móvel, cada um dos doze meses do ano e o próprio ano, de que são partes integrantes.

Essa renovação dos meses e dos anos é ainda um momento sagrado e o pregador de uma renovação moral. Por isso, entre todos os povos, o começo do ano e as luas novas foram dias de festa. É, pois, verdade: graças ao curso perfeitamente regular do sol, da lua e das estrelas, o grande relógio dos céus soa, cada dia, cada semana, cada mês, cada ano, a hora do recolhimento, da oração e do repouso sagrado. Ao som dessa hora solene, todas as nações do globo caíram até aqui de joelhos para adorar e bendizer. Como qualificar a conduta dos homens, a conduta de todo um povo que, não respeitando mais os dias santos, não leva em conta essa magnífica harmonia e transtorna todo o plano divino? É estupidez? É malícia? É uma e outra? Deixo-vos decidir.

Recebei, etc.

Notas

[1] Jó 38, 11.

[2] *Terribili et ei qui aufert spiritum principum, terribili apud reges terrae.* — «E ao que tira o espirito aos principes, ao que he terrivel aos reis da terra.» (Sl 75, 13.)

[3] *Deus a mundi exordio hoc primo sabbati die, illum sanctificavit, id est actu festum instituit, colique voluit ab Adamo ejusque posteris sacro otio et cultu Dei, maxime recolendo beneficium creationis suae totiusque mundi, illo die completae. Unde patet sabbatum fuisse festum institutum et sancitum primitus... ab origine mundi. Ita Ribera, Philo, Catharinus, etc.* — «Deus, desde o princípio do mundo, santificou este primeiro dia do sábado, isto é, instituiu-o de fato como festa, e quis que fosse celebrado por Adão e seus descendentes com santo ócio e culto a Deus, para recordar sobretudo o benefício de sua criação e a do mundo inteiro, concluída naquele dia. Donde se vê que o sábado foi instituído como festa e sancionado desde o princípio... desde a origem do mundo. Assim Ribera, Fílon, Catarino etc.» (Cornélio a Lápide, *in Gen.*, II, 3.)

[4] Êx 20, 8-11.

[5] *Ac de die etiam septimo locuti sunt (poetae, scriptores, philosophi), cujus nomen omnes homines usurpant, sed plerique quam vim habeat ignorant. Quod enim apud Hebraeos sabbatum dicitur, graece redditur hebdomas, quae quidem apud omne humanum genus appellatur.* — «Também falaram do sétimo dia (poetas, escritores, filósofos), cujo nome todos os homens empregam, mas a maioria ignora o que ele significa. Pois o que entre os hebreus se chama sábado, em grego se diz *hebdomas*, nome que se usa em todo o gênero humano.» (*Ad Autolyc.*, liv. II, n.º 12.)

[6] M. Le Courtier, p. 31. — Se vossos lazeres o permitirem, podeis ler as passagens de autores de todas as nações em dom Calmet, *Comentário sobre o Gênesis*, liv. I; em Godescard, *O Domingo*,

cap. I e II; em M. Perennès, *Instituição do domingo*, p. 51-67 etc.

[7] Encontrar-se-á parte desses monumentos, com a indicação de vários outros, no *Código da Religião e dos costumes*, 2 vol. in-12.

[8] *Caeli enarrant gloriam Dei.* — «Os ceos publicão a gloria de Deos.» (Sl 18, 2.)

[9] *Fiant luminaria in firmamento caeli, et dividant diem ac noctem, et sint in signa et tempora et dies et annos.* — «Façao-se huns luzeiros no Firmamento do Ceo, que dividão o dia, e a noite, e sirvão de sinaes para mostrar os tempos, os dias, e os annos.» (Gn 1, 14; Sl 135, 7-9.)

[10] Veja-se *O Domingo*, p. 18.

[11] *Et luna in omnibus in tempore suo, ostensio temporis, et signum aevi. A luna signum diei festi... vas castrorum in excelsis, in firmamento caeli resplendens gloriose.* (Eclo 43, 6-9; veja-se o comentário de Cornélio a Lápide.)

[12] *O Domingo*, p. 24.

[13] *Quare dies diem superat, et iterum lux lucem, et annus annum a sole? A Domini scientia separati sunt... et immutavit tempora et dies festos ipsorum, et in illis dies festos celebraverunt ad horam, et ex ipsis exaltavit et magnificavit Deus, et ex ipsis posuit in numerum dierum.* (Eclo 33, 7-10; veja-se Cornélio a Lápide.)

[14] Essas belas palavras do autor de *O Domingo* são a tradução do pensamento dos intérpretes e o comentário deste verso eloquente: *Dies vulgares, qui nihil habent prae aliis singulare, sed tantum numerum caeterorum adaugent instar ciphrae, juxta illud: nos numerus sumus, et fruges consumere nati.* — «Os dias comuns, que nada têm de singular em relação aos outros, mas apenas aumentam o número dos demais à maneira de um zero, segundo aquele dito: somos número, e nascidos para consumir as colheitas.» (Cornélio a Lápide, *in Eccli.*, XXXIII, 9.)

Revision #1
Created 22 November 2026 20:59:39 by Admin
Updated 22 November 2026 21:02:05 by Admin